**OS FAMILIARES DE CRIANÇAS FRENTE À SALA DE ESPERA DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA: UM RELATO DE CASO**

Lays Mirelle Silva Lopes

Centro Universitário Tiradentes

lays.09@hotmail.com

http://lattes.cnpq.br/7544868575161377

Cid Cézar Clementino da Silva

Centro Universitário Tiradentes

cidcezarclementino@hotmail.com

http://lattes.cnpq.br/2216873484762886

Elnia Manuela Santos Ferreira Lins

Centro Universitário Tiradentes

plotagemlins@hotmail.com

 http://lattes.cnpq.br/7804755638042928

Taynara Bernardino do Nascimento

Centro Universitário Tiradentes

tay.naranascimento@hotmail.com

http://lattes.cnpq.br/4159548535195714

Aldrya Ketly Pedrosa

Centro Universitário Tirandentes

aldryaketly@hotmail.com

http://lattes.cnpq.br/1144866016828898

**RESUMO**

**Introdução**: A sala de espera de urgência e emergência configura-se como um local propício para preocupação, ainda mais quando se fala que o público-alvo são crianças que se encontram em situação de doença e não podem ser acompanhadas por familiares, causando sentimento de medo, angústia e aflição. **Objetivo**: Entender as sensações enfrentadas na sala de espera de urgência e emergência por familiares que não conseguem acompanhar as crianças em situações de vulnerabilidade enfrentadas por essas. **Metodologia**: Trata-se de um relato de caso adquirido por meio de conversa com uma mãe que vivenciou a experiência de ter seu filho em condição de procedimento cirúrgico de emergência e não poder acompanha-lo durante o processo. **Resultados**: Ao avaliar o relato fica explicita a necessidade de organização do sistema de saúde para que os familiares sejam incluídos nos procedimentos realizados as crianças, além de que esse é um direito garantido pela Lei nº 8069, que regulamenta o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). **Conclusão**: Refletindo ao que foi discutida a presença dos familiares refletem em benefícios para as crianças e os próprios que ficam sabendo de informações em tempo reais dos pacientes, configurando em tranquilidade de ambas as partes.

**Palavras-chave**: Crianças, urgência e emergência, família.

**INTRODUÇÃO**

As unidades de emergência são locais destinados a pacientes em estado crítico que necessitam de atendimentos e intervenções imediatas. Esse local necessita de um arsenal de matérias diferenciado, uma estrutura preparada para receber as condições do pacientes e seus familiares, a assistência destinada aos pacientes em situações de emergência exige um cuidado técnico e emocional. Quando este atendimento é direcionado para criança, como nas emergências pediátricas, a exigência se torna maior e a busca pelo estabelecimento de um vínculo de confiança se faz necessária².

Ao avaliar as condições de cada criança e de seu acompanhante, o profissional de saúde necessita tomar a decisão de deixar os dois juntos ou separar por alguns momentos, avaliando o regimento interno do hospital, sabe-se que a angústia daquele familiar por vezes pode configurar em uma má realização das atividades que envolvem o cuidado, entretanto, a presença dele também pode ser dada como um aspecto de segurança para o paciente tranquilizando-o e favorecendo as etapas dos procedimentos necessários.

No contexto pediátrico, o conceito de humanização do atendimento está intimamente ligado ao cuidado familiar, sendo compromisso de todos os membros da equipe de saúde considerar o binômio criança/família. Incluir a família no cuidado, como protagonista e corresponsável deste, consiste em uma forma de amenizar a hostilidade do ambiente hospitalar, auxiliando na adaptação da criança a esse meio. Nessa perspectiva, a permanência do familiar no período da hospitalização da criança é imprescindível para oferecer apoio durante a assistência em saúde, direito este assegurado desde 1991, com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)³.

Com base nesse contexto o objetivo desse relato foi descrever a variedade de sentimentos que se passam em familiares, principalmente em mães ao não poder acompanhar seus filhos/parentes em situações de vulnerabilidade.

**RELATO DE CASO**

Paciente masculino, 06 anos de idade, chegou ao hospital de sua cidade, com uma perfuração em seu olho direito por um lápis, esse estava acompanhado de sua mãe que ficou na sala de espera vendo o filho entrar com os profissionais, mas não recebeu autorização de entrada. Essa se viu angustiada com a situação, pois ocorreu a demora de receber notícias sobre seu filho. A mãe relata que em momentos como esse, os familiares tem de estar junto a criança, ajudar, dando apoio, fala ainda que a criança se sente mais segura, estando com a mãe, com o pai ou alguém de sua confiança do que estando sozinha, além de contar que seu filho já tinha medo dos médicos, dos enfermeiros e estando com um acompanhante se sentia mais seguro. “A idade de meu filho era muito pouca, ele mal tinha entendimento do que se passava, chorava de medo e dor, mas as pessoas que ali trabalhavam preferiram deixa-lo sozinho por não serem humanos e seguir as regras do hospital. Em que mundo vivemos, onde as pessoas não pensam nas outras?” Indagou a mãe que não se conformou em ter vivenciado isso com o filho. Apenas ao final da cirurgia os familiares que já não aguentavam de tanta aflição para saber de fato o que ocorria, receberam de fato as informações, visto que, só chegava até eles a constatação de que a criança estava no centro cirúrgico e que em breve sairia ao encontro deles. Somente ao ir para a enfermaria, que ficaria internado, a criança passou a ter contato com os seus.

**DISCUSSÃO**

A presença do familiar durante a internação hospitalar da criança é um direito garantido pela Lei nº 8069, que regulamenta o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Contudo, não há clareza na legislação sobre o direito de o familiar permanecer junto à criança, especificamente, nas situações de emergência. Entretanto, destaca-se a importância da presença da família em todas as fases da vida da criança, sendo esta fundamental em situações de doença. O modelo do cuidado centrado no paciente e família tem sido preconizado como ideal por pesquisadores em todo o mundo, sendo aplicado por profissionais da área da saúde nas diversas instituições1.

A análise do relato mostra que de fato ocorrem essas situações de separação do binômio, um fato que precisa ser repensado como meio de colocar em prática a humanização preconizada a todas as áreas da saúde, sobretudo no que diz respeito à criança. Os sentimentos gerados a ambas as partes não contribuem ao processo de cuidar e por isso os dois lados do cenário precisa ser levado em conta, destacando a necessidade de sensibilização da equipe de saúde para promover a presença da família em situações de emergência reconhecendo os benefícios que esta prática confere ao atendimento e à criança.

**CONCLUSÃO**

A união de familiares e crianças em situações de cuidado em âmbito hospitalar configura-se como algo de extrema importância, visto que, a separação desses causa angústia e sofrimento em ambas as partes, o que pode interferir nos procedimentos a serem realizados nos pacientes.

A prática de permanência dos acompanhantes de crianças precisa ser incentivada e colocada em prática, visando uma melhor qualidade da assistência, ao público-alvo em questão, necessitando assim de programas que incluam esses em todos os âmbitos do cuidado.

**REFERÊNCIAS**

1-BUBOLTZ, F.L. et al. Percepção de familiares sobre sua presença ou não em situação de emergência pediátrica. **Texto Contexto Enfermagem**. V. 25. N. 3. 2016.

2- NASCIMENTO, W.S.M. et al. Cuidado da equipe de enfermagem na emergência pediátrica: revisão integrativa. **SANARE, Sobral**. V.16 n.01. Pg: 90-99. Jan-Jun. 2017.

3-SILVA, J. H. et al. Permanência de familiares no atendimento de emergência pediátrica: percepções da equipe de saúde. **Revista baiana enfermagem**. V. 31. N. 3. 2017.

**OS FAMILIARES DE CRIANÇAS FRENTE À SALA DE ESPERA DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA: UM RELATA DE CASO**

Lays Mirelle Silva Lopes

Centro Universitário Tiradentes

lays.09@hotmail.com

http://lattes.cnpq.br/7544868575161377

Cid Cézar Clementino da Silva

Centro Universitário Tiradentes

cidcezarclementino@hotmail.com

http://lattes.cnpq.br/2216873484762886

Elnia Manuela Santos Ferreira Lins

Centro Universitário Tiradentes

plotagemlins@hotmail.com

 http://lattes.cnpq.br/7804755638042928

Taynara Bernardino do Nascimento

Centro Universitário Tiradentes

tay.naranascimento@hotmail.com

http://lattes.cnpq.br/4159548535195714

Aldrya Ketly Pedrosa

Centro Universitário Tirandentes

aldryaketly@hotmail.com

http://lattes.cnpq.br/1144866016828898

**RESUMO**

Introdução: A sala de espera de urgência e emergência configura-se como um local propício para preocupação, ainda mais quando se fala que o público-alvo são crianças que se encontram em situação de doença e não podem ser acompanhadas por familiares, causando sentimento de medo, angústia e aflição. Objetivo: Entender as sensações enfrentadas na sala de espera de urgência e emergência por familiares que não conseguem acompanhar as crianças em situações de vulnerabilidade enfrentadas por essas. Metodologia: Trata-se de um relato de caso adquirido por meio de conversa com uma mãe que vivenciou a experiência de ter seu filho em condição de procedimento cirúrgico de emergência e não poder acompanha-lo durante o processo. Resultados: Ao avaliar o relato fica explicita a necessidade de organização do sistema de saúde para que os familiares sejam incluídos nos procedimentos realizados as crianças, além de que esse é um direito garantido pela Lei nº 8069, que regulamenta o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Conclusão: Refletindo ao que foi discutida a presença dos familiares refletem geram benefícios para as crianças e os próprios que ficam sabendo de informações em tempo reais dos pacientes, configurando em tranquilidade de ambas as partes.

**Introdução:** As unidades de emergência são locais destinados a pacientes em estado crítico que necessitam de atendimentos e intervenções imediatas. Esse local necessita de um arsenal de matérias diferenciado, uma estrutura preparada para receber as condições do pacientes e seus familiares, a assistência destinada aos pacientes em situações de emergência exige um cuidado técnico e emocional. Quando este atendimento é direcionado para criança, como nas emergências pediátricas, a exigência se torna maior e a busca pelo estabelecimento de um vínculo de confiança se faz necessária².Ao avaliar as condições de cada criança e de seu acompanhante, o profissional de saúde necessita tomar a decisão de deixar os dois juntos ou separar por alguns momentos, avaliando o regimento interno do hospital, sabe-se que a angústia daquele familiar por vezes pode configurar em uma má realização das atividades que envolvem o cuidado, entretanto, a presença dele também pode ser dada como um aspecto de segurança para o paciente tranquilizando-o e favorecendo as etapas dos procedimentos necessários.No contexto pediátrico, o conceito de humanização do atendimento está intimamente ligado ao cuidado familiar, sendo compromisso de todos os membros da equipe de saúde considerar o binômio criança/família. Incluir a família no cuidado, como protagonista e corresponsável deste, consiste em uma forma de amenizar a hostilidade do ambiente hospitalar, auxiliando na adaptação da criança a esse meio. Nessa perspectiva, a permanência do familiar no período da hospitalização da criança é imprescindível para oferecer apoio durante a assistência em saúde, direito este assegurado desde 1991, com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)³. **Objetivo**: Descrever a variedade de sentimentos que se passam em familiares, principalmente em mães ao não poder acompanhar seus filhos/parentes em situações de vulnerabilidade. **Metodologia:** relato de caso- Paciente masculino, 06 anos de idade, chegou ao hospital de sua cidade, com uma perfuração em seu olho direito por um lápis, esse estava acompanhado de sua mãe que ficou na sala de espera vendo o filho entrar com os profissionais, mas não recebeu autorização de entrada. Essa se viu angustiada com a situação, pois ocorreu a demora de receber notícias sobre seu filho. A mãe relata que em momentos como esse, os familiares tem de estar junto a criança, ajudar, dando apoio, fala ainda que a criança se sente mais segura, estando com a mãe, com o pai ou alguém de sua confiança do que estando sozinha, além de contar que seu filho já tinha medo dos médicos, dos enfermeiros e estando com um acompanhante se sentia mais seguro. “A idade de meu filho era muito pouca, ele mal tinha entendimento do que se passava, chorava de medo e dor, mas as pessoas que ali trabalhavam preferiram deixa-lo sozinho por não serem humanos e seguir as regras do hospital. Em que mundo vivemos, onde as pessoas não pensam nas outras?” Indagou a mãe que não se conformou em ter vivenciado isso com o filho. Apenas ao final da cirurgia os familiares que já não aguentavam de tanta aflição para saber de fato o que ocorria, receberam de fato as informações, visto que, só chegava até eles a constatação de que a criança estava no centro cirúrgico e que em breve sairia ao encontro deles. Somente ao ir para a enfermaria, que ficaria internado, a criança passou a ter contato com os seus. **Resultados:** A presença do familiar durante a internação hospitalar da criança é um direito garantido pela Lei nº 8069, que regulamenta o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Contudo, não há clareza na legislação sobre o direito de o familiar permanecer junto à criança, especificamente, nas situações de emergência. Entretanto, destaca-se a importância da presença da família em todas as fases da vida da criança, sendo esta fundamental em situações de doença. O modelo do cuidado centrado no paciente e família tem sido preconizado como ideal por pesquisadores em todo o mundo, sendo aplicado por profissionais da área da saúde nas diversas instituições1. A análise do relato mostra que de fato ocorrem essas situações de separação do binômio, um fato que precisa ser repensado como meio de colocar em prática a humanização preconizada a todas as áreas da saúde, sobretudo no que diz respeito à criança. Os sentimentos gerados a ambas as partes não contribuem ao processo de cuidar e por isso os dois lados do cenário precisa ser levado em conta, destacando a necessidade de sensibilização da equipe de saúde para promover a presença da família em situações de emergência reconhecendo os benefícios que esta prática confere ao atendimento e à criança. **Conclusão:** A união de familiares e crianças em situações de cuidado em âmbito hospitalar configura-se como algo de extrema importância, visto que, a separação desses causa angústia e sofrimento em ambas as partes, o que pode interferir nos procedimentos a serem realizados nos pacientes. A prática de permanência dos acompanhantes de crianças precisa ser incentivada e colocada em prática, visando uma melhor qualidade da assistência, ao público-alvo em questão, necessitando assim de programas que incluam esses em todos os âmbitos do cuidado.

**REFERÊNCIAS**

1-BUBOLTZ, F.L. et al. Percepção de familiares sobre sua presença ou não em situação de emergência pediátrica. **Texto Contexto Enfermagem**. V. 25. N. 3. 2016.

2- NASCIMENTO, W.S.M. et al. Cuidado da equipe de enfermagem na emergência pediátrica: revisão integrativa. **SANARE, Sobral**. V.16 n.01. Pg: 90-99. Jan-Jun. 2017.

3-SILVA, J. H. et al. Permanência de familiares no atendimento de emergência pediátrica: percepções da equipe de saúde. **Revista baiana enfermagem**. V. 31. N. 3. 2017.